


**ENTREVISTA - INTERVIEW - ENTREVISTA****Espaço, identidade e constituição de sujeitos: entrevista com Mário Testa**

Space, identity and the subject constitution: interview with Mário Testa

Espacio, identidad y constitución de sujetos: entrevista con Mário Testa

Thereza Christina Bahia Coelho 

Universitário da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é trazer uma reflexão sobre a identidade e a constituição dos sujeitos da saúde no espaço público efetuada durante uma entrevista realizada, em dezembro de 2008, com Mário Testa, pesquisador argentino que tem pensado estrategicamente a saúde coletiva, desde a década de 60. Médico, trabalhou como pesquisador bolsista no Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES) da Universidade Central da Venezuela e participou da elaboração do Método de Planificação CENDES/OPS, da criação do Instituto de Medicina do Trabalho, tendo escrito vários livros que inspiraram a reflexão teórica sobre o planejamento, o poder e a constituição de sujeitos do conhecimento na saúde, a partir de uma perspectiva crítica. Mário Testa recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade Federal da Bahia e fez parte do Conselho Consultivo do Instituto de Salud Colectiva da Universidad de Lanús (UNLa). Faleceu no dia 5 de novembro de 2024, em sua casa, em Buenos Aires.

Palavras-chave: Identidade; Sujeito; Espaço; Saúde.**Histórico do Artigo**

Recebido	29 Dezembro 2024
Aprovado	30 Dezembro 2024

Correspondência

Thereza Christina Bahia Coelho
Centro de Pós-Graduação em Saúde
Coletiva da UEFS, Módulo VI
Av. Transnordestina s/nº, Novo
Horizonte, Feira de Santana-BA
CEP: 44036-900.
E-mail: thereza.nusc@uefs.br

Como citar

Coelho TCBC. Espaço, identidade e constituição de sujeitos: entrevista com Mário Testa. Rev. Saúde Col. UEFS 2024; 14(4): e-11518.



O pensamento não se detém...
Mário Testa, 10 de dezembro de 2008

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é trazer uma reflexão sobre a identidade e a constituição dos sujeitos da saúde no espaço público efetuada durante entrevista realizada com Mário Testa, professor e pesquisador argentino que vem influenciando diversos pesquisadores da América Latina na área de Políticas, Planejamento e Gestão em Saúde.

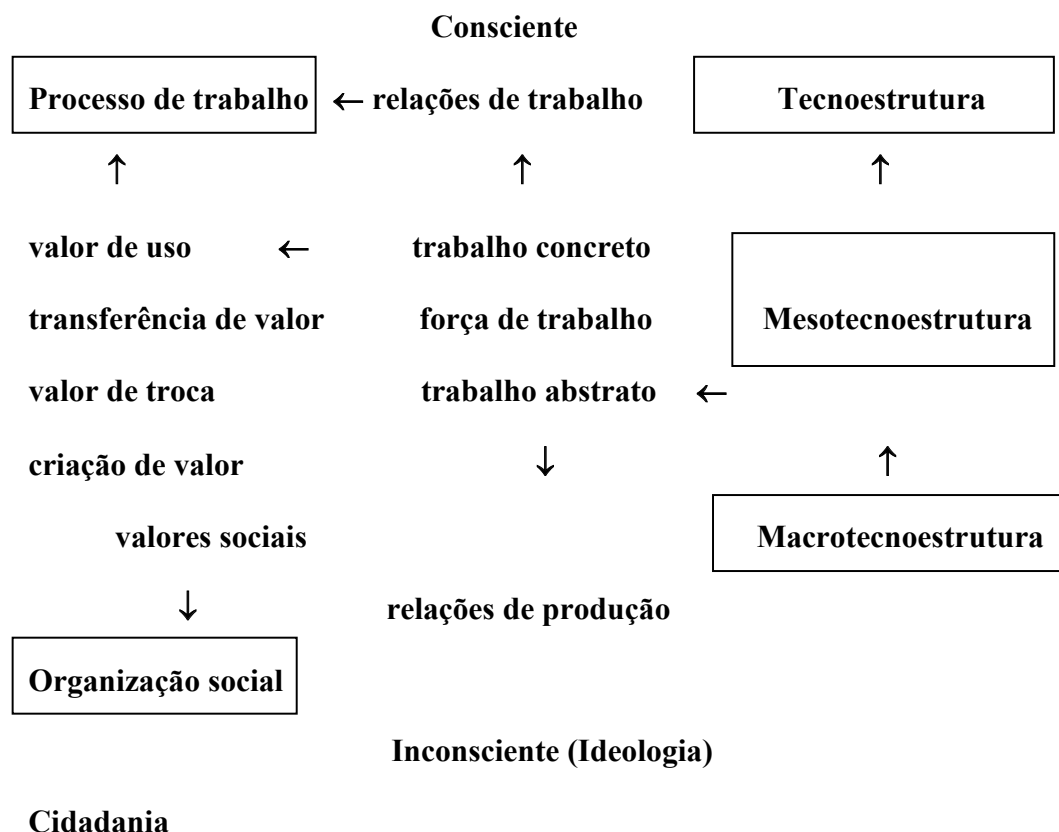
Mário Testa formou-se pela Facultad de Medicina de la Universidad de Buenos Aires (UBA)¹, em 1951, mesmo ano em que Che Guevara, também aluno de medicina da UBA, interrompeu seus estudos para fazer a famosa viagem de motocicleta pela América Latina, saindo de Córdoba². Na década de sessenta, Testa abandonou sua prática como cirurgião e obteve uma bolsa de estudos no Centro de Estudos do Desenvolvimento (CENDES) da Universidade Central da Venezuela onde participou da elaboração do Método de Planificação CENDES/OPS. No retorno à Argentina, foi nomeado interventor e decano da UBA, impulsionando a criação do Instituto de Medicina do Trabalho. No ano de 1976, entretanto, a repressão da ditadura atinge mais

fortemente a universidade e Testa renuncia ao cargo e se exila na Venezuela, só voltando a Buenos Ayres em 1985, quando retomou suas funções docentes e de pesquisa. Fez parte do Conselho Consultivo do Instituto de Salud Colectiva da Universidad de Lanús (UNLa)¹.

No Brasil, Testa dialogou com diversos autores ligados ao movimento da Reforma Sanitária, instigando a reflexão teórica crítica sobre o planejamento, o poder e a constituição de sujeitos do conhecimento na saúde, por meio de palestras, artigos ou dos livros: *Pensar en Salud*³; *Pensamiento estratégico y lógica de programación*⁴; e *Saber en salud*⁵. Mário Testa é doutor *honoris causa* da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e faleceu no dia 5 de novembro de 2024, em sua casa, em Buenos Aires¹.

Meu primeiro contato pessoal com o professor Mário Testa foi como aluna de doutorado no Instituto de Saúde Coletiva (ISC) da UFBA, na década de noventa, em diversas atividades, em particular na disciplina que ele ministrou, intitulada *Tópicos Avanzados*. Nessa época, tive acesso a diversos textos seus, inclusive, a materiais que nunca foram publicados e que inspiraram a minha tese⁶, em especial, a ideia de instituições hipercomplexas e dos níveis estruturais macro, meso e micro, esboçados em um diagrama⁷ proposto pelo autor sintetizando os níveis de determinação nas organizações. Em sua publicação sobre o tema, o autor subtraiu.

Figura 1. Relações entre processo de trabalho e organizações hipercomplexas em Mário Testa.



Fonte: Mário Testa, 1996⁷.

Durante minha carreira docente, Testa tem sido um autor obrigatório nas disciplinas dos cursos de mestrado, entretanto, meu retorno à sua obra se deu de maneira mais intensa por ocasião do pós-doutorado que realizei no ano de 2008, como *Visit Fellow*, na University of Essex. Lá, durante um evento, tive contato com um professor da Universidade de São Paulo (USP) que tentava realizar uma entrevista com Ernest Laclau, autor argentino, mentor da Escola Pós-estruturalista de Essex, e já aposentado. Laclau e sua expertise em Análise de Discurso havia motivado minha ida para aquela universidade e, ao ler seu livro “On Populist Reason”⁹, comecei a especular sobre a influência do peronismo em ambos os autores, dado que o pensamento de Testa havia explorado a questão do espaço público por muito tempo, inclusive, ao ressaltar a coerência ideológica (pensamento e valores) e prática (ações) do sujeito do conhecimento tanto no espaço acadêmico (epistêmico), quanto no público (publicação científica) e no “mundo da vida”¹⁰.

O meu projeto de pós-doutorado objetivava, dentre outras coisas, efetuar a análise do discurso de médicos legistas e técnicos sobre a identificação da raça-cor da pele em indivíduos submetidas à necropsia após morte violenta. Durante o processo de análise, observei, no caso mais específico de um médico negro, um maior sentimento de pertencimento e fidelidade à identidade profissional e à classe econômica do que à identidade negra. A questão da identidade se tornou para mim o principal tema de reflexão, a ponto de questionar a estadia em uma universidade inglesa e buscar exercitar a difícil coerência no mundo universitário. Naquela época, tivemos muitos casos de brasileiros que eram barrados na imigração de países europeus, principalmente, na Espanha, até o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estabelecer a política da reciprocidade e melhorar a imagem do nosso país no exterior, o que só ocorreu após meu retorno ao Brasil, infelizmente. Desse modo, aproveitando o período de férias de Essex e com a intermediação do Professor Jairnilson Paim, fui aceita em orientação pelo Mário Testa para me orientar na realização de estudos complementares do pós-doutorado, por um período de três meses.

Durante os dois primeiros meses na da Universidad Nacional de Lanús (UNLa), tivemos um encontro no Programa de Pós-Graduação em Salud Coletiva e trocamos mensagens por e-mail. Lá, tive acesso ao seu último artigo, publicado no primeiro número da Revista de Salud Coletiva¹⁰ que viria a ser leitura obrigatória na disciplina Saúde, Cultura e Sociedad, do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Salud Coletiva da UEFS. Então, solicitei permissão para realizar a entrevista, idealizada nos moldes daquela pensada (e não realizada) pelo professor da USP, com Laclau, até como forma de me aproximar mais do meu supervisor de estudos e clarear minhas questões. Essa conexão entre Ernesto Guevara, Ernesto Laclau e Mário Testa produziu vários atos falhos inconscientes, de modo, que mais de uma vez, me referi a Mário como Ernesto, diante de docentes da UNLa.

Contexto e método da entrevista

A entrevista foi efetuada na residência de Mário Testa, no dia 10 de dezembro de 2008, com o auxílio de um roteiro com poucas perguntas, numa técnica similar a que se utiliza em pesquisas de profundidade, pontuada por intervenções que visavam o esclarecimento de pontos importantes e dúvidas surgidas durante o empreendimento. O grau de envolvimento do entrevistador na entrevista é alto, de forma que essa imersão na situação justifica a narração do texto na primeira pessoa, como aqui ocorre. Pode-se dizer que se trata de uma conversa com finalidade, guiada por um objetivo claro, em um espaço privado que favorece a intimidade e a intersubjetividade.

No escritório do professor, havia uma mesa de trabalho junto da janela que dava para uma rua movimentada. Esse detalhe interferiu na qualidade da gravação, de modo que a sua transcrição se deu com certo trabalho e uso de recursos para melhorar a qualidade do áudio. Muitos trechos necessitaram várias audições, idas e vindas para manter a fidedignidade, ainda mais porque, em alguns momentos, o entrevistado utilizava um tom de voz baixo. Essa ideia da fidedignidade prevaleceu também na opção de manter o formato original da entrevista, com alguns diálogos mais informais. Nem todos os risos e pausas foram registrados. Apenas os mais significativos. As perguntas foram feitas em português (eventualmente utilizei algumas palavras em espanhol) e as respostas em “portunhol”. Já a transcrição foi efetuada com tradução diretamente para o português. Quando a frase, mesmo não sendo a melhor tradução, podia ser entendida no português eu mantive a construção no nível mais literal possível. Em alguns momentos, coloquei a palavra original, em espanhol, para dirimir qualquer dúvida de tradução, ou fiz esclarecimento em parênteses, evitando a nota de rodapé para deixar o texto fluido.

Alguns dos temas e eventos abordados pelo entrevistado podem ser encontrados também em outras entrevistas efetuadas por outros autores, com destaque para a publicada por Paim¹¹, em 2010. Ainda que tenha decorrido um tempo longo entre a realização da entrevista e sua publicação, a reflexão sobre os temas abordados se mantém atual e pode dar maior clareza a certos conceitos tratados pelo autor em seus livros. Conversar com Mário Testa sobre pertencer a um evento de verdade e manter-se fiel a este pertencimento foi tão necessário naquele momento quanto é hoje.

ENTREVISTA

TCBC - Professor, no seu discurso de recebimento do título de doutor *Honoris Causa*, outorgado pela Universidade Federal da Bahia, o senhor faz referência a autores brasileiros. O senhor fala, toma um texto emprestado de Jorge Amado com as palavras: “A vida me deu mais do que eu pedia, mereci e desejei. Vivi ardentemente cada dia, cada hora, cada instante. Fiz coisas que Deus duvida, fui cúmplice do diabo, lutei pela boa causa, a do homem, da sua grandeza, a do pão

e da liberdade. Me bati contra os preconceitos, me atrevi a práticas condenadas, percorri caminhos proibidos, fui o oposto, e vice-versa, o “não”. Me consumi, chorei e ri. Sofri, amei. Me diverti”. O senhor poderia falar um pouco, como que a vida, enquanto enigma, mistério, se torna o tema central do seu trabalho e pensamento?

MT - Bem, não saberia bem como responder a essa pergunta, mas talvez... a paixão por viver, a paixão por encontrar caminhos, a paixão por entender por que a vida é como é seja uma das razões fundamentais para esta idéia de que a vida é central. Porque, deve-se estar... Digamos, esta é uma reflexão que vem muito *a posteriori*, muito depois de eu haver vivido muitas coisas, porque o que se vê, geralmente, é que muitas pessoas consideram o viver como uma espécie de jogo, como algo pouco sério, digamos. Então, para as pessoas que têm alguma sensibilidade, se torna, realmente, penoso, esta idéia de que a vida não é uma coisa demasiado séria, de que um leva bem, outro leva mal, dependendo de circunstâncias, muitas vezes, exteriores, hodiernas (...). Recordo muito de um amigo colombiano, que dizia que na Colômbia havia um Estado que ele chamava Estado Cantineiro (*barman*). Por que chamava Estado Cantineiro? Ele dizia, esse Estado se financia através de impostos de coisas como o jogo, o cigarro, o álcool, de todas as coisas de alguma maneira daninhas para as pessoas. E ele dizia, fazendo piada: “apesar dos esforços que faço, porque bebo muito e fumo muito para tratar de financiar o estado” (risos). Esta é a idéia de uma vida falsa. Uma vida que está baseada em questões perversas, em questões daninhas, em questões, moralmente, más. E isso me levou a pensar, em algum momento, de como construir uma vida que seja algo mais representativo do que é a nobreza do ser humano. Não sou um tipo religioso, muito menos (pelo contrário). Faço parte... Caio, um pintor bastante famoso disse que vai criar um clube dos ateus, dos iconoclastas, dos descrentes, dos agnósticos, dos apóstatas, e eu faço parte desse clube, mais ou menos (risos). Mas, tenho algumas amigas e amigos, algumas amigas e amigos, que me ensinaram muitas coisas. E uma dessas pessoas vive, atualmente, em Salvador, Bahia, Maria Caputo. E, Maria Caputo é um personagem muito notável, porque ela é uma crente em Deus, um pouco particular, não vai muito à missa, mas, no entanto, é uma crente verdadeira. Ela crê, realmente, que o homem, o homem genérico, as pessoas, homens e mulheres, são seres criados à imagem e semelhança de Deus e, como consequência, cada pessoa é uma espécie de representante direto de Deus. E, como consequência, deve-se tratá-lo como tal e cuidá-lo, e querê-lo, protegê-lo. E isso é o que faz. Isso, é o exemplo de algo que eu não creio mas, no entanto, tem essa mesma característica de respeito pela vida, de respeito pela vida. Então, eu acredito que isso é um pouco a questão que também me chega de respeito pela vida, por... por..., não sei como expressá-lo, de respeito pela seriedade da vida... Não... não gosto dessa “seriedade” da vida, pois a vida pode também ser muito divertida. Então, não é, exatamente, a seriedade, mas o sentido que a vida tem que ter. A vida tem que

ter um sentido. Tem que ter algo que nos leve a se comportar de certa maneira, que deva haver um sentido. E eu creio que, apesar de não... é... de não ser muito consciente, às vezes, isto que digo neste momento, que eu tenho tratado de criar para mim uma vida com sentido. Não posso dizer agora, porque falta pouco para acabar com essa história (riso). Não me dá muito trabalho dizer que tenho tratado de levar uma vida com sentido. E uma vida com sentido, o que quer dizer? Quer dizer, que retomo um tema que para mim é muito... muito... muito caro. Muito querido. E esse tema, que vemos bem definido em Fromm, quando em alguns dos seus livros ele dizia ser partidário do amor, no sentido de que, o amor quer dizer que o outro desenvolva o máximo possível sua capacidade. Então, isso é uma coisa que me move, realmente. Dizer que o outro desenvolva o máximo possível sua capacidade, qualquer que seja. Pode ser tocar violino, jogar futebol, praticar o ato de amor (riso). Qualquer que seja. Qualquer que seja. Ou ser um bom cozinheiro. Ou um bom tenista. Existe esse desejo de ajudar ao outro a chegar ao melhor possível o que sabe, o que quer fazer. Então é nesse sentido que eu creio que esta idéia da vida fica muito significativa. É o desejo que o outro desenvolva, ao máximo possível, sua capacidade.

TCBC - Então, a gente estava falando de Maria Caputo, falando sobre a vida, e aí eu vou continuar com esse tema. No seu artigo “Vida: senhas de identidade”, parece, a mim, que o senhor busca, mais do que... naquele artigo em especial, uma síntese e um esclarecimento, um esclarecimento do seu pensamento. Me parece, que o senhor tem uma forma de abordagem, no artigo, que expressa, exatamente, uma mescla de razão e paixão. O texto, ele articula o tempo todo, ciência, filosofia, com poesia e literatura, por exemplo. Isso dá conta, parece que mostra, aspectos mais íntimos, basais, eu chamo, que dão acesso à sua identidade. Dão testemunho do homem Mário Testa. Então, me parece que essa forma que o senhor traz no texto, ela não está ali ao acaso. A mim me pareceu, eu achei isso importante, parece um esforço, lembrando a mim Badiou¹², como uma grande teimosia, uma persistência do senhor, do sujeito Mário Testa, em ser o que é. A impressão que eu tinha, quando eu lia, era como a gente faz um traço, e depois, um traço sobre outro traço, como se o senhor estivesse desenhando a si. Como se, só deixar rastros, professor, esboços, não fosse suficiente e o senhor precisasse produzir provas. E o senhor diz isso claramente, não é, no texto, redesenhado? Então, isso que se pode observar na sua “mirada ao espelho”, é uma busca persistente de uma nitidez, de uma afirmação: eu sou assim, essa é a minha verdade? Essa foi a minha leitura.

MT - Esse artigo tem uma origem muito curiosa, porque muito, muito estranha, e muito ligada, de novo, com toda minha relação com Salvador, e ademais. Porque o que imagino, o que deu origem a esse artigo foi uma idéia de Naomar de Almeida Filho. Naomar, em uma oportunidade, me disse que tínhamos que fazer algo e havia proposto uma reunião, na

qual iria estar ele, Samaja e eu. Então, dizia ele, eu vou me ocupar da parte de saúde, de epidemiologia, não o sei o que, Juan Samaja da ciência, e você, me dizia, a mim, vai ocupar-se da vida e ver o que sai dessa reunião. A reunião nunca saiu. Vamos chamar de reunião de... alguma coisa acontecida quando se teve aqui em Buenos Ayres. No final, saímos da reunião e, no entanto, gostei da idéia e escrevi a parte que me tocava. E, efetivamente, aí está [essa] coisa que está muito ligada a este tema da identidade que para mim é uma das questões, realmente centrais, importantes, que se pode pensar, ou formular. E, claro, de novo, isto não são coisas que se começa a pensar quando alguém inicia sua vida profissional, sua vida durante a juventude. Esta é uma reflexão ao final da vida. Não no começo... Então, isso aí me parece bem claro, esse tema da identidade, eu digo a identidade quando está bem conformada, e que permite uma forma de vida, uma forma de vida na qual se despeja muitas dúvidas, inquietudes, em que alguém já consegue saber o que significou, o que se passou na sua vida. O que significou isso de haver estado durante muito tempo buscando coisas e que ao final não busca mais coisas e, sim, o que já está, já se conseguiu, o que se consegue, esta idéia de que alguém identifica, se identifica, sabe, para que passou por esta vida. Qual foi o sentido de estar vivo. E, como exemplo, gosto muito desse exemplo, de que coisas às vezes ditas parecem um pouco petulantes, um pouco como que não correspondem, porque muita gente pode opinar sobre aquilo que estás dizendo, que pode parecer alguma espécie de orgulho, e não é assim. E, não é assim, porque... Quero dizer o seguinte: muitas dessas coisas estão relacionadas com aquilo que eu chamo da única coisa importante que me falta fazer que é morrer...rsrs. Isso é o único importante que tenho que fazer por vir. E, esta idéia de identidade está muito ligada ao que eu digo, à idéia da morte. Está muito ligada porque, porque quando alguém construiu uma identidade forte, uma identidade satisfatória, digamos assim, a morte deixa de ser um problema. Isto que para muita gente é “o” grande problema, desaparece como problema porque se conseguiu esta identidade. Como por exemplo, tão bonito, o filme, e coisas assim, que me impactaram muito quando o vi, em certo momento, Granda (Bienvenido?), que é assim, como uma espécie de revelação, de identificar algo assim, que chamamos como uma iluminação. Tem muito que ver com uma discussão epistemológica, quando digo a identificação das categorias analíticas, é uma espécie de iluminação, de descobrimento que não tem relação, um raciocínio preciso identificado, mas que de repente aparece como: essa é a questão, essa é a solução. A morte desaparece quando alguém consegue criar uma identidade bem clara. Essa é um pouco a idéia disto, deste tema tão central que para mim é minha identidade. E eu utilizo, não só nesse artigo, mas utilizo também quando preparamos um projeto, um projeto de legislação sobre saúde. Eu utilizo também essa idéia de fortalecimento da identidade como uma das questões que se teria que pensar em uma legislação dirigida a melhorar a saúde, com foco nas gentes,

nas pessoas, na população. Aí tem termos que não aparecem muitas vezes nesse tipo de literatura, na literatura legislativa. Eu falo de identidade e autonomia, conceitos centrais para a questão da saúde. E, nos livros sobre saúde, identidade e autonomia não têm muito a ver, pois falam de enfermidades, então eu prefiro outra maneira de pensá-lo, o problema neste caso, da saúde. Pelo seguinte, identidade é um tema, para mim, muito forte e muito central, uma categoria analítica...

TCBC - Eu, inclusive, tinha pensado em trazer, mas o senhor fique à vontade, trazer a questão das descontinuidades, a questão da vida em processo, em que o senhor trabalha a identidade como a marca de um texto, de “marchar pela vida”, sempre recorrente, aí o senhor diz a identidade é início, a origem, e fim (resultado), e essa direcionalidade é dada pela morte, que tornaria a pluralidade de significados inerente ao sentido que cada indivíduo constrói para si. Então, a questão é que o senhor fala que o problema para a construção da identidade seria, exatamente, a questão da fragmentação entre as três formas de descontinuidade: entre pensamento e ação; pensamento e discurso, certo?; e discurso e ação. Então, seriam três problemas e que eu pensei em três perguntas, uma para cada problema. Posso?

MT - Sim, claro.

TCBC - Então, assim, o primeiro tipo de descontinuidade como problema na construção da identidade, entre pensamento e ação, o seja, penso o que digo. Nesse caso, especificamente, como fica a estratégia. Ou, como resolver o problema dessa descontinuidade entre pensamento em ação e as contradições que ela gera em situações em que nossa verdade, dizer a verdade, buscar essa coerência, ela fragiliza a nós e ao nosso projeto.

MT - Claro!

TCBC - O problema da estratégia.

MT - Sim, sim, aí está uma questão que está muito ligada já não a uma questão individual, mas a uma questão social, porque o que tenho sublinhado em alguns aspectos é que estas descontinuidades não se podem resolver, não se podem evitar estas descontinuidades senão em situações sociais distintas. Não há maneira de resolver essas descontinuidades se não muda a sociedade. Então, aqui a estratégia não pode, digamos. Digamos, pode haver alguma estratégia individual, mas esta estratégia individual nunca vai poder resolver completamente esse tema. Esse tema a mim me surgiu claramente, eu o vi com muita clareza, quando comecei a ver o que havia feito o comandante Guevara, como suas famosas intervenções, e quando ele definia “o homem não é como essa idéia de que a revolução criava um homem novo”. E, o homem novo o que é? Pensava eu. Então, daí é que consegui me dar conta de que o que Guevara chamava homem novo era exatamente aquele em que não havia diferença entre pensar, dizer e fazer. E, é claro, para poder dizer o que se pensa e fazer o que se diz tem que fazer uma revolução. Se não, não funciona (risos). Quer dizer, há de conseguir transformar a sociedade, a revolução

no sentido de transformação da sociedade, para que isso não nos gere prejuízos. Eu sempre digo: se eu digo tudo o que penso, todo o que penso, então me ponho numa situação de fragilidade. Então, se digo, exatamente o que penso, então perco vantagem entre possíveis competidores. Essa é a questão. Isso tem que ver com muitas coisas. Tem que ver com os afetos, tem que ver com a política, com a economia, um monte de coisas. Eu tenho que achar uma maneira de, se não mentir, pelo menos não dizer tudo que considero como verdadeiro. Pois se digo tudo que é verdadeiro, se digo às pessoas para as quais trabalho, que me pagam para trabalhar, o que penso delas, então... (risos). perco meu trabalho, ou coisa assim. Se digo a uma mulher que quero conquistá-la, toda a verdade... (risos), talvez não consiga meu propósito. Estas são as situações que o comandante Guevara marcava muito bem, essas situações, quando dizia que o que faz a revolução é conseguir com que alguém, efetivamente, diga o que pensa. Se olharmos os políticos. Nenhum político diz exatamente o que vai fazer, ou faz o que diz. Isto é fundamental. Em consequência, não há uma estratégia individual que permita resolver esta questão. Se há, intenções de vir a ter, intenções de manter uma certa coerência entre o que se diz e o que se pensa e faz; uma certa coerência, não total, mas, mas... existe gente que é mais “tramposo” (enganador) que outras, mas há que se tratar de ser o menos tramposo possível... (risos). Quer dizer, mentir um “pouquítico”, mas não demasiado... (risos). Fazer algumas “trampas” (trambique), mas o menos possível... (risos). Quero dizer, se pode manter uma certa coerência. Eu creio que tratei de fazer isso durante grande parte da minha vida. Trago um exemplo. Eu fui muito sortudo em termos dos trabalhos que fiz, serviços institucionais que me permitiram fazer parte. Eu fui funcionário da OPS (Organização Pan-Americana de Saúde), durante alguns anos. E... se eu tivesse ficado trabalhando na OPS, todo tempo, até a época da minha aposentadoria (jubilación) ... agora eu seria aposentado ganhando uns cinco mil dólares mensais. Não sou aposentado e não ganho nada de aposentadoria, atualmente. Mas eu sabia que isso poderia ocorrer e, não obstante, eu deixei de ser funcionário da OPS, simplesmente porque queria voltar ao meu país e fazer política. Isso é, em termos pessoais, um pequeno exemplo de coerência frente a uma situação que poderia ter sido muito mais favorável. Não estou muito orgulhoso do que disse, pois se eu tivesse feito outra coisa, meus filhos viveriam melhor, por exemplo. Então isto tem um custo, às vezes não se mede exatamente como devia. Mas, assim são as coisas, assim são estas questões... E, ponho a mim como exemplo, porque é o exemplo que conheço. Mas, existem muitas outras pessoas que também fazem coisas desse tipo. Então, o comportamento das pessoas está, muitas vezes, condicionado por distintos tipos de forças e alguns tomam a decisão com base tratar, de manter, a coerência mais ou menos satisfatória. Digamos que, não ficaram muito com consciência de culpa, muitos traumas assim, pela culpa das coisas que deveria ter feito e não fez, ou que não devia ter dito

isso. Então, esta é um pouco a idéia de estratégia. E esta idéia de coerência entre pensamento e... ação... Ação e discurso. Pensamento, discurso e ação. Le digo outra mais, que é a de sentimento. Se digo...

TCBC - São quatro, então.

MT - Bom, são quatro. Há que se pensar o que se sente. Dizer o que se pensa. Fazer o que se diz. Estas são minhas quatro instâncias de continuidade ou descontinuidade. E o que se vê, no mundo, o que se vê, muitas vezes, é uma descontinuidade muito grande. Quanto maior for a descontinuidade em uma sociedade, mais grave é a situação que se enfrenta...

TCBC - Eu... eu... O senhor estava falando e eu estava me lembrando de Bobbio¹³ e do espaço público, em que ele fala das máscaras. Na verdade, é assim, o espaço público deveria ser o lugar em que poderiam cair as máscaras, mas, na verdade é onde se usa mais, onde se oculta mais... Voltando então... Eu falei que eram três perguntas. A continuidade e descontinuidade entre pensamento e discurso... Habermas, ele trata do discurso como uma espécie de recurso que se lançaria mão quando a comunicação encontra um obstáculo ao entendimento. Eu, particularmente, eu penso que, além disso, o discurso, ele funciona como uma senha de identidade. Por exemplo, ao acionar determinado discurso, eu entraria em um espaço virtual personalizado ou despersonalizado, mas se o discurso, ele forja tanto o pensamento, quanto é forjado, também, pelo pensamento, aí se dá um laço, um nó. Como o senhor... O senhor, poderia discutir um pouco isso e apontar algumas formas concretas com que a gente possa desarmar estas pequenas bombas do cotidiano. Assim, um exemplo, a gente tem estudado, eu falei para o senhor que a gente tem estudado sobre discurso médico, racismo institucional... Por exemplo, a gente observa que um auxiliar, um técnico, a gente observou várias vezes na nossa pesquisa, ele faz um esforço grande de entrar no discurso, de pertencer àquela (àquela comunidade de diálogo, eu queria dizer). É como se o discurso do dominante circulasse, e os dominados, os oprimidos, tivessem que fazer um esforço grande para tentar entrar naquele discurso. Isso me parece uma coisa... um nó.

MT - Bom... Decerto... risadas. Eu falo um pouco disso nesse livro Saber e Salud, eu falo um pouco assim, os distintos, nos quais, digamos, que vamos incorporando, em distintas circunstâncias. Por isso eu falo aí um pouco das mudanças que se produzem em um mesmo sujeito, segundo as circunstâncias que está atravessando. Posso começar com o sujeito da vida cotidiana, o sujeito da vida comum, o sujeito de todos os dias, o sujeito da vida. Mas, o sujeito da vida tem um discurso que está fortemente influenciado por sua ideologia. Eu tenho um amigo psicanalista, que disse em forma muito engraçada, para mim, porque ele disse que quando um profissional, nesse caso, um psicanalista, quando realiza seu trabalho profissional, está usando um discurso que está muito influenciado por sua ideologia. Mas, além disso, no momento, em que realiza sua ação profissional, não tem nenhuma dúvida. Então, é um

discurso muito afirmativo, pois não há negação, no discurso da vida cotidiana. E esse psicanalista amigo meu me disse, “quando eu estou no consultório atendendo um paciente”, que está me contando sua vida, e não sei quê... “eu sou Freud”. Você está dizendo, já não tenho nenhuma dúvida, sei absolutamente tudo o que quero saber, tudo bem, não me equivoco nunca. Depois que se vai o paciente, então, reflete, e se dá conta de que isso é uma barbaridade. Quer dizer, aqui há uma forma do discurso da vida cotidiana. E há outra forma de discurso, de linguagem, que muda o sujeito, o sujeito da vida cotidiana, quando passa ao momento da investigação científica, a reflexão científica. Quando o psicanalista deixa seu consultório e começa a pensar o que é isso, se dá conta das barbaridades, ou não. Se dá... faz uma reflexão de outro tipo. Muda como sujeito e se transforma em um sujeito epistêmico, e sua linguagem muda, para não usar linguagem da vida cotidiana, se não, usa uma linguagem mais ou menos rigorosa da ciência e assim vai se modificando em distintos momentos. Então, há mudanças do sujeito e mudança da linguagem. E essa mudança na linguagem implica numa mudança no discurso. E esta é a razão pela qual eu não aceito, que a diferenciação que faz alguns autores entre ciência e ideologia. Tem alguns autores que dizem: “se é científico, não tem ideologia. E se é ideológico, não é científico”. Eu não aceito esta distinção. Eu digo que há uma ideologia científica e a ciência também é ideologia. E não marcá-los, como de forma diferente. Isso é o que modifica em cada discurso. O grande problema que aparece aqui, é um problema que, de tão frequente, se costuma esquecer por completo, que é essa idéia de naturalização do social. É de onde, então, que na vida cotidiana, aparece essa coisa, de um pensamento que aparece como natural. Faz um tempo, eu estava olhando uma notícia na televisão, estava transmitindo algo sobre essa coisa da violência cotidiana. Uma mulher que haviam matado o filho, ou coisa parecida. Então, o que essa pobre mulher, realmente, muito crucificada em termos individuais, mas falava dessa violência incontrolada, dessa coisa da qual via responsável o governo porque não estava presente, se havia naturalizado o discurso midiático do fenômeno sobre a violência como um fenômeno de quem deve tomar [providências] e não as toma. Quando, em verdade, não se podia pensar que a violência ocorre porque a sociedade tem dado condições para que isto ocorra. E depois, o jeito como ocorre isto. Há toda uma conformação aí, perversa, perversa. Na qual, aparece com muita claridade, esse fenômeno de naturalização do social. É por isso que, na minha reflexão, eu faço algumas das perguntas permanentes que estão nos meus livros, que não estão formuladas como perguntas, em algum momento sim, quando escrevo isso e digo, permanentemente: a reflexão está em torno da resposta à pergunta sobre o que é o social. O que é o social. Então, a resposta que dou nesse livro, Saber em Salud, é que o social é aquilo que pode ser construído como viável. Separando, neste, a objetividade, da subjetividade, dando-lhe este novo caráter. Este social, não é verdadeiro, nem falso, nem veraz ou não veraz. É outra coisa,

uma construção. Como mesmo Habermas o sublinhava em sua teoria da comunicação, e outros autores também. Madel Therezinha Luz tem um livrinho sobre o Natural, o Racional, o Social, onde traz o mesmo tema.

TCBC - E, não tão por acaso, exatamente a pergunta que vem, traz a questão, é natural isso, da continuidade e descontinuidade entre discurso e ação. Eu formulei a seguinte questão: o senhor disse “entendo que seria coerência entre o que se diz e o que se faz, o que inscreveria a ação no espaço de possibilidade”, o senhor diz isto. Então, assim, por exemplo, no caso do discurso marxista, no discurso revolucionário, transformador, como conciliar, essa é minha questão, essa característica utópica, no sentido de *topós*, lugar, de um lugar imaginário, ideal, com a realidade de conflito, que vivemos, constante, não de uma luta de classe, talvez, eu nem sei se as classes lutam mais... [riso]. Minha dúvida, mas talvez, pior, de um distanciamento de classes, ao ponto, talvez, numa perspectiva mais pessimista - não é que eu seja, mas eu gosto de explorar as possibilidades - um distanciamento a tal ponto, talvez, de uma divisão de espécie, vamos dizer assim...

MT - Sabe, uma das questões que eu permanentemente dizia aos meus alunos era que não creia no que eu digo. Que desconfiem do que eu digo. Por uma razão muito simples. Mas, eu creio que é muito verdadeira. Que é que, a vida que eu vivi, estou marcado por crenças, algumas delas muito fortes... Alguns autores as chamam de grandes meta-relatos. Uma seria a luta de classes, por exemplo. A luta de classes significava tudo. E, de repente, havia lutas muito importantes que não eram de classes e que a mim terminavam por *umbricarse* neste livro. A luta feminista, por exemplo, que é uma luta importantíssima, fundamental, e que não se sabia muito bem como compartilhar com a luta de classes. Uns diziam que sim, outros que não. Então, me recordo com grande alegria quando, numa oportunidade, li um artigo sobre o movimento feminista, que tinha uma grande clareza sobre o que significava este movimento, esta luta, estas questões e estava assinado por dois homens. Como é isso?... [risos]. Eram dois sociólogos que haviam estudado um problema sociológico, de fundamental importância. Mas, tudo isso, está um pouco deixado à margem de qual era o contraponto de pensamento até aqui. Eu podia reconhecer isso, intelectualmente, como muito importante, mas não o sentia, digamos, dentro do que era o meu costume de pensar esses problemas, dentro de outras linhas. Assim como o movimento feminista, muitos outros, digamos, distintos grupos, mais ou menos minoritários... O movimento feminista não é minoritário... [risos]. Mas, o que mudava no seio das discussões, e que punham muito de leve, que havia alguns temas que não alcançaram ser abarcados pelo pensamento dominante, o pensamento hegemônico [...]. Me recordo de uma oportunidade, quando estava em Porto Alegre, Aluísio de Caxias, como se chamava, um homem, estava sentado, quieto, e parecia *mui apocado*, muito calmo e, de repente, começou a falar e a levantar e logo parecia Lenin

arrangando os comunistas. E tinha uma coisa que era muito impressionante e ele me disse: às vezes quando termino de fazer uma missa em Caxias...

TCBC - Caxias do Sul?

MT - Não, perto do Rio. E dizia: eu não posso sair pela porta dianteira da catedral onde faço missa porque não aguento a visão dos miseráveis que estão sentados na escada da minha catedral e ver essa imagem de pobreza, de miséria. Bom! Isto, digamos, como se faz para conter esse tipo de fenômeno que quebra com uma tradição epistemológica, por uma parte, mas que quebra também com uma práxis. Como fazia isto para quebrar essa sensação? Que categoria se incluía, como pensava esse problema para poder suportar essa emoção? Isto se passou comigo quando trabalhava como médico. Eu abandonei a medicina quando trabalhava como cirurgião porque não podia aguentar a sensação de ter que ser um anjo ou um demônio para uns... enquanto não tinha capacidade para nenhuma das duas coisas. Nem anjo, nem demônio. Isso... tudo isso, para pensar essa questão. Que chegou a mim essas questões que mantive, quando ainda vivia Carlos Matus, e que segui mantendo com muitos dos seus seguidores, alguns dos meus alunos. E que trazia essa questão de que para poder pensar esses problemas, eu não podia pensar com base em como estão as coisas hoje... Outro dia estava lendo num diário, isso que Matus dizia muitas vezes, que não se pode não fazer planificação. Tem que fazer planificação. E nem sempre me resultou isso... Uma coisa que não parava de *cerrarme*. E pensei que, o que importa não é tanto fazer planificação e, sim, constituir sujeitos sociais que podem enfrentar problemas que têm que enfrentar. Não há maneira de resolver [o problema dos] miseráveis que estão sentados na escadaria da catedral de Caxias se não se pensa um sujeito social que enfrente esse problema. E o bispo de Caxias não podia, ele com sua alma, enfrentar esse problema sozinho. Como não podemos nenhum de nós, sós, enfrentar qualquer problema social, pequeno que seja. Como fazer para conseguir que a escola ponha (faça) algo para os carros não matem que as crianças quando passam pela escola? Um problema social pequenino assim e que não se pode enfrentar se não há uma ação coletiva. Uma ação social significa que se tenha construído um sujeito social que enfrente essa questão. Por isso eu visito tanto esses últimos trabalhos da constituição do sujeito social. O tema não é tanto o que faz Cristina Fernandez e Lula frente ao problema de interação latinoamericana, senão de como se constituem os sujeitos sociais que realmente aportem (contribuam) para essa interação. O grande tema para mim, da transformação da sociedade e da constituição dos sujeitos sociais. Como se faz para conformar esses sujeitos? Para que se fortaleça a capacidade de colocar problemas? Porque, muitas vezes, tem essa ideia de que o problema está claro. Há violência! Claro que há violência, *por supuesto*. Mas, como se faz para enfrentar a violência? Compramos a arma mais poderosa e matamos... Tem um arquiteto carioca que foi um grande

amigo meu, Juca Serrano, que morreu mal. E, Juca Serrano me dizia em uma oportunidade, era um tipo fantástico. Juca me dizia, andando por Cobacabana: “Imagina, Mário, que eu me vejo dentro de alguns anos com uma metralhadora me defendendo desses moleques que andam por aí. A coisa da violência no Rio, já era muito horrível, imagine agora. Nem quero ir a Rio, para morrer. E é verdade! É uma coisa que vai vir e que é imparável, a tempestade, como estão as coisas agora... (pausa... pensando).”

TCBC - O problema é como conformar sujeitos inconformados...

MT - Essa para mim é a pergunta: como se conforma sujeitos assim.

TCBC - Então, recapitulando e dando continuidade ao que a gente vinha tratando. O senhor chama a atenção para duas questões em especial. Uma referente ao espaço público e outra sobre a ideologia, que o senhor já abordou, na verdade. Então, a primeira se refere à mudança do perfil do espaço público, na verdade, num lugar sem identidade e que isso impossibilitaria ou dificultaria a reintegração dos sujeitos, numa espécie de se re-encontrar. Essa perspectiva nos remete primeiro a um problema lógico encontrado, que eu tratei, que é a questão da viabilidade política, de como seria possível numa lógica de acumulação, que a gente vive, atual, onde a corrupção, pensando não no sentido político, mas aristotelicamente mesmo, no sentido de degeneração mesmo, do lugar como espaço onde a contradição pode se evidenciar, aparecer na consciência do sujeito. Aí, entra o segundo ponto que é a ideologia. Lendo um pouquinho o que o senhor falou: “A identidade se encontra conformada tanto pela ideologia quanto pelas práticas”. Se pensarmos a subjetividade como uma posição de “mirada”, sujeito-sujeito, identidade-identidade, minha ideologia em frente da sua ideologia na construção da realidade a que estamos, ambos a-sujeitos, dentro e fora do espelho (se eu te miro e vc me mira). Não seria exatamente a saída, uma pergunta, a construção de uma prática que nos obrigue, enquanto identidades coerentes, que postulam uma autenticidade, uma legitimidade, uma prática que nos obrigue a olhar para o outro de frente, e não de cima ou de baixo, e olhar o outro sem medo de ouvir sim ou não? Então, recapitulando: dois temas, duas questões: espaço - como lidar com a lógica que parece nos esmagar, privatizar, individualizar. E que, ao mesmo tempo, desse modo, ela torna a contradição invisível. Entendeu?

MT - A questão do espaço tinha que ser considerada a partir de um pensamento que encontra na sociedade duas questões fundamentais que são a produção e a reprodução. Afinal, falamos de espaço na praça, na rua, no parque, etc. Mas se não se pensa em termos dessas categorias que são analíticas, produção e reprodução. O que a sociedade produz e o que a sociedade reproduz. Então, a gente se dá conta de que em especial com respeito à reprodução, esta reprodução requer espaços públicos para poder ser uma questão que permite o funcionamento no tempo através de um processo que permita

que a sociedade siga funcionando. Então, a afirmação que faço é que tanto a reprodução quanto a constituição de sujeitos transformadores requererem espaços públicos. Essa é um pouco a afirmação que faço. Então, aqui tem uma dupla questão. O meio que se produz para produzir. Quando produzimos alimentos, quando produzimos roupa, educação ou qualquer outra coisa que a sociedade produza, isto serve para a reprodução em outra face. Precisamos comer, para comer precisamos comida, comida se produz, ao comer a comida nos reproduzimos... Existe um duplo circuito de produção. E a afirmação é que este processo requer a existência de espaços públicos. Se não tivesse esses espaços públicos, então não poderia haver uma reprodução no conjunto da sociedade. Se a reprodução somente se desse no espaço privado, então teria uma quantidade de população que estaria à margem disto e, então, à margem dos processos reprodutivos, não de si mesmo, da sociedade. Então, tem que ver essas duas dimensões, que a reprodução se dá em termos cotidianos e em termos sociais. Todos os dias, ou mais ou menos todos os dias, temos que comer. Se um dia não comemos, não importa. Mas, quase todos os dias temos que comer. Essa é a reprodução cotidiana. Além disso, temos filhos, os educamos, os capacitamos para que trabalhem. Isso já não é reprodução cotidiana, mas de muito tempo. Então, a inexistência de espaços públicos para isto, é o que se traduz na sociedade como marginalização. Existem pessoas que não têm acesso a espaços públicos e, como consequência, ficam à margem da sociedade. E estes são problemas muito difíceis. Por isso, quando eu coloquei a questão de uma legislação e dei ênfase nisso, de estudar os espaços públicos e privados de produção e reprodução para ver como havia de tratar cada um deles, do ponto de vista de cuidar desses espaços. O que te digo é que se observam em muitos casos; em primeiro lugar, há uma luta, há uma luta muito séria pelo manejo dos espaços de produção e reprodução. Isso se vê claramente em muitas cidades, sobretudo nas zonas urbanas. Não tanto nas zonas rurais, mas nas zonas urbanas é bem claro, de que existe uma disputa pelos espaços de produção e reprodução. Nestas cidades, se alguém recorre à segurança, se dá conta imediatamente de como essas disputas são muito fortes. Quando se vê as barbaridades que ocorrem nos espaços urbanos, por exemplo, se vens de Porto Madeiro (Buenos Ayres) até aqui vai ver as torres que são de uma monstruosidade terrível. Então, existe uma disputa de classe social, os ricos contra os pobres. Que diga o intento de pessoas que compraram residências em Porto Madero e que chegaram a proibir a entrada de pessoas na Costanera (reserva ecológica ribeirinha em região nobre de Buenos Ayres), a esta zona, nos dias festivos, de sábado e domingo, porque perturbavam... Um negócio assim... Está ocorrendo hoje nessa cidade, mas ocorre em muitas outras, por isso...

TCBC - Privatização do público.

MT - Sim, privatização do público, mas é tão terrível que eu redefini a questão da classe dominante. E digo que a classe dominante atual são os especuladores de terra urbana... (riso).

Não sei se é muito correto. Mas, fortemente, tenho a impressão que existe um *corrimiento* (deslizamento) até essa coisa de especulação do urbano. Uma coisa muito forte. Não sei se é tão forte quanto estou te dizendo, mas...

TCBC - Há uma articulação. Os grupos não estão em um lugar só... estão em vários. Estratégia.

MT - Não, não. Se você ler os periódicos daqui, na Argentina, se encontra os movimentos que estão fazendo, pedindo que se admita a construção de torres em bairros como Flores, Palermo. Porque se cria um grave problema de trânsito de todo tipo. Bom, tem que ver a disputa que se cria pela famosa avenida 31, que o atual governo da cidade de Buenos Ayres quer erradicar, a avenida 31, onde vivem centenas de milhares de pessoas. É uma espécie de Rocinha do Rio de Janeiro, no meio de Buenos Ayres, mas a Rocinha é muito pior, vive um milhão de pessoas. Aqui não sei quantos são. Alguns centos de milhas. E estas são disputas terríveis, que definem um panorama muitas vezes político de uma eleição de uma região. Por isso, eu creio que esse tema de espaço, é importantíssimo. Isto lhe digo, esses espaços... Eu gosto da definição de não-lugares. Esses espaços são não-lugares.

TCBC - Mas isto, professor, com certeza a gente está falando dos espaços físicos, mas, como espaço de produção de conhecimento também, isso se repete e, em especial, para nós professores, pesquisadores, se repete essa realidade. Cada vez mais você tem um espaço privativo de determinados grupos. É uma briga, é uma luta...

MT - Sim, sim, sim... claro. Exatamente. Aí há uma questão de todo o debate atual sobre o significado da educação. É uma destas... Tem dimensões de todo tipo. Nesse momento, estão brigando, por exemplo, para que os educadores que se aposentam tenham uma pensão de acordo com sua função de educador. Porque, atualmente, os educadores estão equiparados aos trabalhadores mais fracos. Nem pode, uma investigadora de primeiro nível ter uma aposentadoria mínima, por exemplo. Isso vai ter consequências de todo tipo, inclusive desse outro tipo. Eu creio que se deveria repensar o tema da educação de forma diferente. Porque, o certo é também que os educadores, sobretudo os de algum nível de educação, nesse país, a que estou me referindo, são muito ignorantes, muito ignorantes.

TCB - Quem vai educar é... No Brasil também.

MT - Não há trabalho se não há emprego. E aí tem uma coisa muito interessante que é a diferenciação entre trabalho e emprego. Isso segue sendo o que está ocorrendo nesse país, nesse momento. Com a crise mundial e bla blá blá, a repercussão que tem sobre Argentina e de outros. Todo o esforço do aparato de governo, da presidência para baixo, está tratando de manter e levar adiante programas para manter o nível de emprego, não de trabalho, de emprego. Para que as pessoas continuem recebendo seus salários. Se trabalha ou não trabalha é outra coisa. Toda essa questão tem que ser reexaminada de outra maneira.

TCBC - Até o emprego continua problemático. Porque, os médicos, por exemplo [têm] cinco empregos.

MT - Cinco empregos e não trabalha em nenhum. Eu tenho trabalho, mas não tenho emprego. Tem outro que tem emprego, mas não tem trabalho (risos). Os fracos não têm nem trabalho, nem emprego. Uns poucos é que têm trabalho e emprego.

TCBC - Mas, além disso, tem a questão de que o espaço público, da forma como se fragmenta, dá nisso, no emprego, faz com que a contradição se perceba.

MT - Claro.

TCBC - Ela oculta, faz um véu sobre...

MT - Exatamente... sobre essa questão. E quando não se vê, não existe.

TCBC - Se sabe, se fala, mas fica no discurso. E, não se consegue...

MT - Não passa nada (nada acontece). Nada ocorre.

TCBC - Por isso a dificuldade de mudar as práticas. E, que tem sido, particularmente, meu objeto, desde o mestrado. Como mudar as práticas? Tem sido meu grande problema e de nós todos da Saúde Coletiva.

MT - Se são coisas invisíveis e, além disso, estão naturalizados, não podem ser transformadas.

TCBC - Eu fiz uma hipótese, vamos dizer assim, de saída. Se a saída se der pela reconstrução da prática, que geralmente se tenta reconstruir as práticas a partir da demolição de antigas práticas, se tenta desmontar as práticas antigas e isso traz o problema da estrutura. Você tentar modificar e a estrutura permanece a mesma. Fazendo sempre o eterno retorno, de retornar àquilo que se tenta modificar. E eu me pergunto se isso não estaria ligado – não que eu queira naturalizar o problema. O problema não é só meu, é de nós todos, estarmos nos questionando até que ponto vai essa necessidade humana de subjugar, dominar, controlar, oprimir. Eu penso que, ao olhar o outro como igual, talvez o homem se reconheça na sua vulnerabilidade e solidão e isso é muito incômodo, difícil de superar. O que que o senhor acha disso?

MT - Qual é a pergunta?

TCBC - Como reconstruir essa prática tendo consciência de que a estrutura é muito aderente, está dentro de nós? Como exercer uma vigilância política, epistemológica, ética mesmo? Com nós mesmos, trabalhadores de saúde, pesquisadores...

MT - Nos cursos que fazemos, no mestrado que viste agora, com Hugo (coordenador do programa de pós-graduação em Saúde Coletiva de Lanús, Argentina), já antes disso, quando eu participava em outros processos educativos, havia uma questão permanente e que nós colocamos em forma aberta aos alunos que participam do mestrado em Lanús. É a necessidade de desconstruir o conhecimento que os alunos trazem, de tratar de desarmá-lo e rearmá-lo de uma forma diferente.

Há uma constante, cada vez que pensamos um curso novo, e que é – me ocorreu dezenas de vezes, em distintos momentos, em distintos países, também me ocorreu quando editava um curso em Venezuela, no Cendes –, é quando os alunos vinham pedir uma receita.

TCBC - Riso.

MT - O que tenho que fazer? Sempre dizemos o mesmo: “Não vamos dar nenhuma receita”. O que vamos é cuidar para que pensem por si mesmos. Por quê? Simplesmente, porque nessas circunstâncias, uma coisa que funciona bem em um lugar, não funciona no outro. Então, a pergunta é: devemos centralizar ou não centralizar? Não sei. Às vezes se trata de centralizar e outras de não centralizar. Depende de que circunstâncias enfrento. A ideia é que necessita reformular, não as práticas talvez, mas de pensar criticamente. De tratar de pensar criticamente para encontrar soluções adequadas a este lugar e circunstância. E, se o lugar e circunstância é diferente, fica a ideia, te digo, de nossa dependência cultural. Muitas vezes, incorporamos algo porque funciona bem em outro lugar. Se é o centro de saúde da União Soviética, na década de 20, então trazemos o centro de saúde. Mas, aqui não funciona, nessas circunstâncias. Então, a ideia é examinar quais são as condições em que algo funciona bem. Temos as condições ou não temos as condições? Se não temos as condições, quais as condições atuais e nessas condições atuais aqui e agora o que poderia funcionar bem. Tratemos de pensar de forma autônoma e não condicionada a padrões como os que existem lá fora. Pensemos dentro da nossa própria centralidade, para mudar a prática. Que práticas são adequadas aqui e agora. E não me digam que as práticas têm que ser as que usam os europeus, os alemães, os russos ou os norte-americanos. Não me serve. Ou, para os Argentinos, o que fazem os brasileiros. Tampouco me serve.

TCBC - Eu lembrei de um empresário, que eu ouvi algo, dele dizendo assim: “o bom de ser país subdesenvolvido, é que você não precisa descobrir a roda, basta copiar os desenvolvidos”. Esse é o discurso. Como se pudesse, dessa forma, queimar etapa.

MT - Eu digo que há que olhar o que fazem os países desenvolvidos, mas ter sobre isso um pensamento crítico. Por que isso funcionou bem lá? Será que aqui também funcionaria? Ou temos que pensar outra coisa? Não podemos não ler Habermas. Mas eu quero ver Habermas em Caxias, pensando na comunidade ideal de diálogo, como propõe na ação comunicativa (risos). Eu leio Habermas. Tenho as obras completas aí na biblioteca. E cada vez que... Bom, e aqui o que acontece? Porque Habermas escreve na avenida, e eu tenho aqui na rua, mas não é o mesmo. Tem uma coisa que tem me fascinado no futebol. Eu assisto o futebol pela televisão. Eu tava vendo uma partida de futebol na Europa e quando vejo futebol aqui na televisão argentina, quando vejo partidas interessantes, mas as arquibancadas estão vazias de público. Não tem público. Salvo algumas partidas muito importantes,

estão vazias. As partidas europeias estão cheias de público todo o tempo (riso). Tem uma diferença muito clara. Em uma coisa tão elementar como essa. Não há violência de público, relativamente.

TCBC - Ainda cobram caro. Preferem pouca gente do que baixar o preço.

MT - Sim, sim. Então, essas diferenças, circunstâncias distintas levam a soluções diferentes.

TCBC - É.. O senhor, na palestra que eu assisti no mestrado (de Lanús), sobre o espaço, o senhor falava da sua família, de como era aquele espaço de compartilhamento. O senhor poderia retomar um pouco isso? O senhor é de descendência italiana?

MT - Sim, eu fazia referência, era uma agitação de família, não tanto de adolescência, mas de infância. E o que eu queria deixar marcado é essa ideia de que havia alguma razão histórica, mas pessoal minha, não da história comum, do país, mas uma história pessoal, individual, que era uma motivação pela qual alguém elegia certas opções, digamos. Isso foi o que, muito tempo depois, lendo alguns autores, em particular, Alfred Shutz, sociólogo, ele chama isso o “motivo porque”, a razão por que alguém tomou certos caminhos, certas opções. E, por isso, eu relatava essa história da minha família, para mostrar um pouco como a opção por progressismo, pela democracia, socialismo, coisas assim. Com coisas que eu vivi naquele momento, com aquela família. Então, eu estava dizendo lá, é como se esta opção individual e histórica, *personal* e intransferível, eu não posso dizer a outra pessoa que tem que optar por ser progressista porque minha família era assim (riso). Não posso transferir minha família para outra pessoa. Por isso, eu colocava esse exemplo. Por outro lado, quando alguém pensa em termos das coisas para fazer adiante, isso que eu chamo “o social”, construímos um sistema de saúde único, por exemplo, esta é uma proposta social. Por que social? Porque não é verdadeiro ou falso, veraz ou não veraz. Não que estou dizendo exatamente o que penso. Digo: existe um sistema de saúde e sobre isso podemos ver o que eu, você, nós pensamos, porque parece uma boa proposta a ser feita no futuro. Então, essa proposta de futuro não tem que ver com minha família. Minha família tem a ver, porque eu tenho uma ideia progressista. Mas a ideia progressista em si, a ideia concreta – sistema único de saúde – é uma coincidência entre muitos que estamos de acordo em fazer esse tipo de coisa. Por isso, essa ideia de...

TCBC - Motivo para...

MT - Isso. Motivo para, aí a coisa muda. Então, é importante no sentido de que se tem que pensar em termos de processo.

TCBC - Nesse caso, especificamente, quando eu estudava na minha tese de doutorado, uma instituição, como o senhor estudou a Oswaldo Cruz, Fiocruz, que o senhor falava, inclusive, de projeto, do “motivo para” institucional, no caso que a gente observou no estudo, por exemplo, é que as

mudanças que ocorrem no processo e que fazem mudar esse “motivo para”. Claro! Se começa voltado para determinadas (finalidades) e no meio do caminho, esquece, se perde esse motivo. Então, no caso específico da secretaria que nós estudamos, em que num determinado momento o “motivo para”, que deveria mover, que deveria ser a saúde da população, ele de repente é deixado e se concentra nos meios que passam a ser o fim, a finalidade, o “motivo para”. Então, por exemplo, captar recurso financeiro para fazer não se sabe nem o que mais, passa a ser a única meta. Se perdem no caminho, a questão da produtividade, do financiamento, inclusive, eu soube que o senhor trabalhou também com Contas, não, que nem eu?

MT - Isso. Também trabalhei.

TCBC - Então, esse, professor tem sido um problema institucional que parece recorrente. De se perder no caminho. Não são só as pessoas que se perdem. Os políticos, os profissionais, as instituições também se perdem.

MT - Sim, sim, claramente. Eu creio que aí... esse é um tema difícil para mim.

TCBC - Para todo mundo.

MT - Espelhado nisso, eu digo que temos que pensar em começar a fazer coisas que sabemos exatamente onde queremos chegar. Aí, me lembro muito de meu amigo Francisco de Assis Machado, o Chicão. Chicão dirigia um centro de saúde em Montes Claros e tinha uma coisa que era fantástica. Era uma época muito difícil, porque era a época da ditadura militar em Brasil e neste lugar de Minas Gerais, Montes Claros, é uma cidade onde nasceu, dentre outros, Darcy Ribeiro, se não me engano. E, aqui tinha vindo um grupo de uma universidade americana para fazer um diagnóstico, e depois tinha vindo a Aliança para o Progresso, que havia colocado dinheiro para isso, então eu digo que me ensinou duas coisas: uma que, o importante... a primeira coisa que me ensinou, foi a beber cerveja com guia. Guia era um copinho de cachaça que tomava primeiro para ensinar à cerveja para onde tinha que ir (risos). A segunda é que dizia: o importante, Mário, é começar um processo. Depois, se vê para onde vai. O importante é começar com força algo. Eu recordo muito isso. Depois, tem um livro que escreveu Sônia Fleury. Sônia Fleury escreveu um livro que se chama Montes Claros revisitado, onde ela recorda essa experiência de Montes Claros.

Entra Ásia, esposa de Mário.

MT - Essa é Thereza Coelho.

TCBC - Nos conhecemos em Salvador. Fomos almoçar naquele restaurante Yemanjá.

MT - Maravilhoso. Recordo com muito carinho. Quer um pouco de queijo? Estávamos falando de Montes Claros. Era muito claro, então, o que propunha Chicão, que o importante é desencadear um processo. Como segue, Deus dirá. Então,

a mim não estranha que as instituições percam o propósito inicial para que foram criadas. O que sei – o caso da Fiocruz era muito especial naquela época, não sei como está agora, isso foi na época que Sérgio Arouca foi presidente e tal, um pouco depois – o que havia era uma enorme capacidade de debate interno na instituição, pelo qual se falava de tudo, se discutia tudo, se levantavam os erros. Havia coisas extraordinárias, centenas de pessoas que participavam dessas assembleias e todos os trabalhadores da Fiocruz estavam lá. E eu participei de três ou quatro desses congressos da Fiocruz. Por isso, eu defini o marco teórico para a construção da alma institucional. É um trabalho que tenciona ser um trabalho sério e quando li isso na reunião para apresentar o informe, eles sabiam. Todos os funcionários sabiam que essa era uma instituição com alma. Ficou claro que todos pensavam o mesmo. Isto, o que eu chamo de alma da instituição, mas que é a capacidade de uma instituição para refletir sobre si mesma e discutir-se e reforçar velhos objetivos ou colocar novos. Isso tem muito a ver como apresento o postulado de coerência. Porque, aqui tem uma questão de que a organização não tem uma estrutura muito precisa e definida, como ocorre nos países mais desenvolvidos, países europeus, escandinavos, Inglaterra, Alemanha. Está tudo muito ordenado, organizado, estruturado, muito entrelaçado, então, é muito difícil se propor coisas novas. Está todo mundo organizado, já. Aqui, ao contrário está tudo desorganizado por todo lado. Há que permanentemente estar pensando no que fazemos para essa instituição. Não sei, faz muito que não vou ao Rio e não falo com Paulo Buss. O que está pensando Paulo Buss, a respeito desta instituição, se fazem os congressos da Fiocruz, atualmente, não sei. Não tenho claro. Mas, gostaria muito que estivessem fazendo isso, porque era a grande coisa que tinham, da Fiocruz naquele momento. Não por nada, existe um monumento a Sérgio Arouca na Fiocruz. Uma coisa que nós dos países subdesenvolvidos dependentes não temos é uma boa teoria de organização para os países capitalistas subdesenvolvidos dependentes. Há muitas teorias organizacionais para os países capitalistas desenvolvidos não dependentes, autônomos, enorme bibliografia sobre essa questão, mas para nós... Como deveria ser a organização para as instituições em países do nosso tipo? Existe muito pouco. Algo de um brasileiro que escreveu, Motta, mas não temos, todavia, solidez.

TCBC - Eu acho assim, nosso problema é ser parte da solução. Por um lado, temos esse problema de termos instituições muito voláteis, pouco estruturadas, por outro lado, isso favorece ou deveria favorecer que se possa mudar mais facilmente.

MT - Sim, eu estou totalmente de acordo.

TCBC - Que tem a ver com a reprodução que o senhor falou, da possibilidade de a cada reprodução surgir o novo.

MT - Uma das coisas que afirmo em um dos meus livros é precisamente isso, que no pouco estruturado se pode introduzir questões novas com muita facilidade, coisa que não é fácil nos países centrais.

TCBC - O problema, professor, é que introduzir as questões novas é fácil, o problema é...

MT - Mantê-las...

TCBC - É o desafio, manter a continuidade.

MT - Claro, quando penso isso no livro e Pensamento Estratégico e Lógica de Programação, na terceira parte do livro, eu coloco dois tipos de modificações que se pode fazer: uma são as pequenas modificações, que não modificam, digamos, a distribuição de poder. São pequenas mudanças, para as quais tem que ver se tem alguém que se opõe e então negociar com essa pessoa: troco uma coisa por outra. Por exemplo, se eu quero que os hospitais, os consultórios externos funcionem de manhã, de tarde e de noite, então não é uma grande modificação. Mas pode ter pessoas que se opõem, pois as enfermeiras dizem que não, eu tenho que olhar meu filho. Muito bem, então colocamos uma turma de dia e outra de noite. Mas, tem uma transformação muito fundamental. Não há alternativa a esta que eu chamo de constituição do sujeito social. Há que constituir um novo sujeito social que esteja de acordo com o projeto transformador. E, aí, há um exemplo muito claro. A Constituição do Brasil reformada em, quando foi? Em 88. A saúde é um dever, um direito do povo e um dever do Estado. Que aconteceu? É uma constituição maravilhosa. Mas, como já havíamos aprovado a reforma constitucional (Constituinte) sem *lechar* (consolidar) o movimento sanitário brasileiro, se perdeu essa formação e se não há alternativa a essa questão, tem que manter um grupo social funcionando para garantir a conquista alcançada. Se não é assim, a coisa não funciona. Passou-se o mesmo na Itália. Não foi só o Brasil que fracassou nisso. A Itália passou o mesmo com a reforma hospitalar, na famosa Lei de Saúde Mental.

TCBC - O senhor acha que fracassamos?

MT - No sentido de que não se pôde fazer tudo que a reforma da Constituição colocava. Quando se disse “A saúde é um direito dos povos e um dever do estado...” isso significa uma coisa muito bonita. Mas, para poder ter mantido e para poder fazer isso efetivamente, realmente, tinha que ter se mantido o que se chama no Brasil o partido sanitário (Movimento Sanitário), essa coisa maravilhosa.

TCBC - Quando a gente vai, no Brasil, nos congressos de Saúde Coletiva e vê dez mil pessoas a gente fica animado...

MT - Claro, claro. Mas esse momento é um momento de retrocesso. Um retrocesso a partir do que se havia aprovado na Constituição. Não foi um fracasso por completo, obviamente, pois se manteve toda uma estrutura, mas houve um retrocesso nesse momento. Que é um pouco inevitável. Giovanni Berlinger escreveu um livro que se chama “Os anos difíceis”, para não usar o termo “fracasso”, os anos difíceis da Reforma Sanitária e assinala exatamente isso. Uma vez que se aprovou a Reforma, então os movimentos sociais de dividiram, digamos. Esse é o momento preciso

em que se tem que fortalecer o movimento para que se possa manter as conquistas alcançadas e aprofundar essas conquistas alcançadas. Este é o problema. Quando não consegue aprovar uma lei, modificar, fazer uma reforma e tal, se a reforma é muito de fundo o inimigo não vai ficar parado, dizendo “já perdi”, não, não, não, vai seguir fazendo coisas para recuperar o atraso. Então, aí está o ponto.

TCBC - Pois bem! Eu acho que eu explorei bastante. Tem alguma coisa que o senhor gostaria de dizer?

MT - Eu já falei muito (risos).

TCBC - Não que tenha esgotado, mas eu não tenho nada, assim, que eu consiga pensar. Professor, muito obrigado.

REFERÊNCIAS

1. Spinelli H. Conheça a trajetória de Mario Testa (1925-2024). Cebes, 5 de novembro de 2024. [acesso em 20 dez 2024]. Disponível em: <https://cebes.org.br/conheca-a-trajetoria-de-mario-testa-1925-2024/36041/>
2. Guevara E. Diarios de motocicleta. 3a ed. Buenos Aires: Planeta; 2005.
3. Pensar em Saúde. Porto Alegre: Artes médicas; 1992.
4. Testa M. Pensamento Estratégico e Lógica de Programação. O caso da Saúde. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1995.
5. Testa M. Saber en Salud. La construcción del conocimiento. Buenos Aires: Lugar Editorial; 1997.
6. Coelho TCB. O processo político de gestão em uma instituição hipercomplexa do Sistema Único de Saúde. [Tese Doutorado – Universidade Federal da Bahia]. Salvador: UFBA; 2001.
7. Testa M. Análisis de instituciones hipercomplejas. Buenos Aires: 1996. Versão mimeografada e não publicada.
8. Testa M. Análisis de instituciones hipercomplejas. In: Merhy E, Onocko R (Org.). Agir em Saúde: um desafio para o público. São Paulo/Buenos Aires: Hucitec/Lugar Editorial; 1997. p. 17-70.
9. Laclau. On Populist Reason. London/New York: Verso; 2007.
10. Testa M. Vida. Señas de Identidad (Miradas al Espejo). Salud Colectiva 2005; 1(1):33-58.
11. Paim JS, Testa M. Memoria e Historia: diálogo entre Mario Testa y Jairnilson Silva Paim. Salud Colectiva 2010; 6(2):211-227.
12. Badiou A. Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras. Rio de Janeiro> Relime-Dumará; 1994.
13. Bobbio N. Teoria geral da política: a filosofia política e as lições dos clássicos. Rio de Janeiro: Campus; 2000.

ABSTRACT

The article aims to bring a reflection on the identity and constitution of health subjects in the public space carried out during an interview carried out in December 2008 with Mário Testa, an Argentine researcher who has been thinking strategically about collective health since the 1990s. 60. Doctor, he worked as a research fellow at the Center for Development Studies (CENDES) at the Central University of Venezuela and participated in the elaboration of the CENDES/OPS Planning Method, the creation of the Institute of Medicine of I work, having written several books that inspired theoretical reflection on planning, power and the constitution of subjects of knowledge in health, from a critical perspective. Mário Testa received the title of doctor honoris causa from the Federal University of Bahia and was part of the Advisory Board of the Instituto de Salud Colectiva at the Universidad de Lanús (UNLa). He passed away on November 5, 2024, at his home in Buenos Aires.

Keywords: Identity; Subject; Space; Health.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es acercar una reflexión sobre la identidad y constitución de los sujetos de salud en el espacio público realizada durante una entrevista realizada en diciembre de 2008 a Mário Testa, investigador argentino que piensa estratégicamente la salud colectiva desde la década de 1990. 60. Médico, trabajó como investigador en el Centro de Estudios para el Desarrollo (CENDES) de la Universidad Central de Venezuela y participó en la elaboración del Método de Planificación CENDES/OPS, la creación del Instituto de Medicina de. Trabajo habiendo escrito varios libros que inspiraron la reflexión teórica sobre la planificación, el poder y la constitución de sujetos de conocimiento en salud, desde una perspectiva crítica. Mário Testa recibió el título de doctor honoris causa por la Universidad Federal de Bahía y formó parte del Consejo Asesor del Instituto de Salud Colectiva de la Universidad de Lanús (UNLa). Falleció el 5 de noviembre de 2024 en su casa de Buenos Aires.

Palabras clave: Identidad; Sujeto; Espacio; Salud.